

**Telêmaco Borba. *Actualidade Indígena.***

Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908

pp. 20-27

**II**

**LENDAS OU MITOS DOS ÍNDIOS KAINGANG**

**1.**

Em tempos idos, houve uma grande inundação que foi submergindo toda a terra habitada por nossos antepassados. São o cume da serra *Krinjijimb * emergia das  guas.

Os *Kainganges*, *Kayurukr s* e *Kam s* nadavam em dire o a ela levando na boca achas de lenha acesas. Os *Kayurukr s* e *Kam s*, cansados, afogaram-se; suas almas foram morar no centro da serra. Os *Kainganges* e uns poucos *Kurutons*, alcançaram a custo o cume do *Krinjijimb *, onde ficaram, uns no solo, e outros, por exigüidade de local, seguros aos galhos das árvores; e ali passaram muitos dias sem que as águas baixassem e sem comer. Já esperavam morrer, quando ouviram o canto das saracuras que vinham carregando terra em cestos, lançando-a   água, que se retirava lentamente.

Gritaram eles às saracuras que se apressassem, e estas assim o fizeram, amiudando também o canto e convidando os patos a auxiliá-las. Em pouco tempo chegaram com a terra ao cume, formando como que um açude, por onde saíram os *Kainganges* que estavam em terra. Os que estavam seguros aos galhos das árvores transformaram-se em macacos e os *Kurutons* em bugios. As saracuras vieram, com seu trabalho, do lado de onde o sol nasce; por isso nossas águas correm todas ao poente e vão todas ao grande Paraná. Depois que as águas secaram, os *Kainganges* se estabeleceram nas imedia es de *Krinjijimb *. Os *Kayurucrés* e *Kam s*, cujas almas tinham ido morar no centro da serra, principiaram a abrir caminho pelo interior dela. Depois de muito trabalho chegaram a sair por duas veredas: pela aberta por *Kayurucré* brotou um lindo arroio, e era toda plana e sem pedras; da  vem terem eles conservado os pés pequenos. O mesmo não aconteceu a *Kam *, que abriu sua vereda por terreno pedregoso, machucando – ele e os seus – os p s, que incharam na marcha, conservando por isso grandes p s até hoje. Pelo caminho que [os *Kam s*] abriram não brotou água e, pela sede, tiveram de pedi-la a *Kayurucré*, que consentiu que a bebessem quando necessitassem.

Quando saíram da serra mandaram os *Kurutons* para trazer os cestos e cabaças que tinham deixado embaixo. Estes, porém, por preguiça de tornar a subir, ficaram ali e nunca mais se reuniram aos *Kaingang*: por esta razão, nós, quando os encontramos, os pegamos como nossos escravos fugidos que são.

Na noite posterior   saída da serra, atearam fogo e com a cinza e carvão fizeram tigres (*ming*), e disseram a eles: –*Vão comer gente e caça*. E os tigres foram-se, rugindo. Como não tinham mais carvão para pintar, só com a cinza fizeram as antas (*oyoro*), e disseram: –*V o comer caça*. Estas, porém, não tinham sa do com os ouvidos perfeitos, e por esse motivo não ouviram a ordem; perguntaram de novo o que deviam fazer. *Kayurucré*, que já fazia outro animal, disse-lhes gritando e com maus modos: –*V o comer folha e ramos de árvore*; desta vez elas, ouvindo, se foram: eis a razão porque as antas s  comem folhas, ramos de árvores e frutas.

*Kayurucré* estava fazendo outro animal; faltava ainda, a este, os dentes, língua e algumas unhas, quando principiou a amanhecer. E, como de dia não tinha poder para

fazê-lo, pôs-lhe [no animal] às pressas uma varinha fina na boca e disse-lhe: – *Você, como não tem dente, viva comendo formiga*. Eis o motivo por que o tamanduá (*ioty*), é um animal inacabado e imperfeito.

Na noite seguinte continuou e fez muitos animais, e entre eles as abelhas boas. Ao tempo que *Kayurucré* fazia esses animais, *Kamé* fazia outros para os combater: fez os leões americanos (*ming-koxon*), as cobras venenosas e as vespas.

Depois de concluído esse trabalho, marcharam a reunir-se aos *Kaingang*. Viram [então] que os tigres eram maus e comiam muita gente. Então, na passagem de um rio fundo, fizeram uma ponte de um tronco de árvore e, depois de todos passarem, *Kayurucré* disse a um dos de *Kamé* que quando os tigres estivessem na ponte puxasse esta com força, afim de que eles caíssem na água e morressem. Assim o fez o de *Kamé*, mas, dos tigres, uns caíram na água e mergulharam, outros saltaram ao barranco, segurando-se com as unhas. O de *Kamé* quis atirá-los de novo ao rio, mas como os tigres rugiam e mostravam os dentes, tomou-se de medo e os deixou sair. Eis porque existem tigres em terra e nas águas.

Chegaram a um campo grande, reuniram-se aos *Kaingangues* e deliberaram casar os moços e as moças. Casaram primeiro os *Kayurucrés* com as filhas dos *Kamés*, estes com as daqueles, e como ainda sobravam homens, casaram-nos com as filhas dos *Kaingang*.

Daí vem que *Kayurucrés*, *Kamés* e *Kaingang* são parentes e amigos.

## 2.

### NHARA

Meus antepassados alimentavam-se de frutos e mel. Quando estes faltavam, sofriam fome. Um velho de cabelos brancos, de nome *Nhara*, ficou com dó deles. Um dia disse a seus filhos e genros que, com porretes, fizessem uma roçada nos taquarais e a queimassem. Feito isso, disse aos filhos que o conduzissem ao meio da roçada. Ali conduzido, sentou-se e disse aos filhos e genros:

– Tragam cipós grossos.

E tendo esses os trazido, disse o velho:

– Agora vocês amarrem os cipós ao meu pescoço, [e] arrastem-me pela roça em todas as direções. Quando eu estiver morto, enterrem-me no centro dela e vão para os matos pelo espaço de três luas. Quando vocês voltarem, passado esse tempo, acharão a roça coberta de frutos que, plantados todos os anos, livrarão vocês da fome.

Eles principiaram a chorar, dizendo que tal não fariam; mas, o velho lhes disse:

– O que ordeno é para [o] bem de vocês; se não fizerem o que eu mando, viverão sofrendo e muitos morrerão de fome. E, de mais [a mais], eu já estou velho e cansado de viver.

Então, com muito choro e grita, fizeram o que o velho mandou e foram para o mato comer frutas.

Passadas as três luas, voltaram e encontraram a roça coberta de uma planta com espigas, que é o milho, feijão grande e morangas. Quando a roça esteve madura, chamaram todos os parentes e repartiram com eles as sementes. É por essa razão que temos o costume de plantar nossas roças e irmos comer frutas e caçar por três ou quatro luas. O milho é nosso, aqui da nossa terra; não foram os brancos que trouxeram da terra

deles. Demos ao milho o nome de *Nhara* em lembrança do velho que tinha este nome, e que, com seu sacrifício, o produziu.

### 3.

#### CANTO E DANÇA

Não sabiam cantar nem dançar. Em suas reuniões bebiam o *kiki*, sentados junto ao fogo. Sua boca, porém, estava fechada. Por esse motivo suas festas eram monótonas, e, salvo a alegria produzida pela embriaguês, tristes. Desejavam aprender a cantar e dançar, mas não havia quem os ensinasse; as outras gentes ainda não existiam.

Um dia em que homens de *Kayurucré* andavam caçando, encontraram, em uma clareira do mato, um grande tronco de árvore caído; sobre ele estavam encostadas umas pequenas varas com folhas; a terra junto ao tronco muito limpa. Examinando-a parecuelhes ver umas pequenas pegadas, como de crianças; admiraram-se disso. À noite, em seus ranchos, contaram o que tinham visto e convidaram os outros a irem examinar o que seria. No outro dia foram todos, aproximaram-se cautelosamente do tronco e escutaram; daí a pouco viram um pequeno purungo, na ponta de uma varinha, que se movia produzindo um som assim: *xi, xi, xi*. As varas que estavam encostadas ao tronco começaram a mover-se compassadamente, ao mesmo tempo em que uma voz débil, porem clara, cantava assim:

– *Emi no tin vê... ê, ê, ê. Andô chô kaê voá á. Ha, ha, ha. Emi no tin vê ê. E, ê, ê. Emi no tin vê...*

Compreenderam que aquilo era canto e dança. Decoraram as palavras, sem, contudo, as entender. Aproximaram-se do tronco e só viram as varas e os pequenos purungos. Examinaram o chão e não encontraram nenhum esconderijo. Ficaram sem saber quem seriam os dançadores. Passados dias voltaram à clareira usando das precauções anteriores; viram o pequeno purungo e as varas moverem-se e a voz cantar:

– *Dou camá corô ê, kê agnan kananban. Kôyogda emi nô ting. É ki matin... É ki matin.*

Decoraram o canto, aproximaram-se do tronco e só viram o pequeno purungo, as varas e pegadas pequenas no chão. Examinando o purungo, encontraram dentro dele pequenas sementes duras, de cor preta. Prepararam outros iguais. Fizeram uma festa, dançaram e, abrindo a boca, cantaram os cantos que tinham ouvido, fazendo com as varas nas mãos os movimentos que tinham visto.

Com o tempo foram compondo outros cantos e inventando outras danças, mas, em suas festas, principiam sempre por estes. Passadas algumas luas destes fatos, *Kayurucré* que sempre procurava descobrir quem seriam seus mestres de canto e dança, andando caçando, deparou com um tamanduá-mirim (*kakrekin*). Ao levantar o seu porrete para matá-lo, o tamanduá ficou de pé e principiou a cantar e dançar as modas que eles tinham aprendido. Então conheceu *Kayurucré* que aquele tinha sido o seu mestre de canto e dança. Depois de dançar o tamanduá disse a *Kayurucré*: – *Me dá teu porrete que eu quero examiná-lo para dizer a que sexo pertencerá o filho que tua mulher logo te dará. Kayurucré* o deu a ele, e depois de dançar, ele disse:

– *Eu fico com o porrete, teu filho é homem. Isto há de servir de sinal à tua gente; quando encontrarem comigo e me derem seus porrretes, se eu ficar com eles, seus filhos serão homens, mas, se os jogar fora, depois de ter dançado com ele na mão, serão mulheres.*

Os tamanduás sabem muitas outras coisas mais. Pensamos que eles são as primeiras gentes que aqui existiam antes de nós, e que, por [serem] velhos, não sabem

mais falar. Não os matamos. Quando os encontramos, sempre lhes damos nossos porretes. Se eles os seguram, ficamos alegres, porque nossas mulheres nos darão filhos homens.

#### 4.

### COMO CONSEGUIRAM O FOGO

Só *Min-ârân* tinha fogo; não queria dar aos Kaingang. Estes comiam a carne de caça crua ou seca ao sol. Desejavam ter fogo, mas não sabiam produzi-lo. *Fyietô*, que era um Kayurucré esperto, disse:

– *Min-ârân pin iemé iêtmô* – eu vou trazer o fogo de *Min-ârân*.

*Min-ârân* não era Kaingang, não sabiam de que gente era; vivia só com a mulher e filha. *Fyietô* transformou-se em filho de gralha branca (*xakxó*), e foi boiando a tona d'água até onde estavam se banhando a mulher e a filha de *Min-ârân*. Essa, quando o viu, pediu à mãe que o pegasse. Levaram-no à casa e, como estivesse molhado, para [que] se enxugasse, puseram-no sobre as achas de lenha que estavam no fogo. *Min-ârân* era muito desconfiado. Vendo o pássaro espicaçar com o bico um tição, disse:

– *Isto não é filho de passarinho. Parece que quer nos roubar o fogo; vamos matá-lo.*

Mas a filha o impediu, chorando. *Fyietô* continuou a espicaçar o tição e quando conseguiu separar um graveto com fogo, fugiu com ele no bico.

*Min-ârân* correu atrás de *Fyietô* e quando ia alcançá-lo, este entrou em uma fenda de pedra. *Min-ârân* introduziu, na fenda, o porrete, procurando matá-lo, mas *Fyietô* desviava-se para os lados. Depois, deu um murro no próprio nariz, apanhou o sangue que dele saía, esfregando no porrete. *Min-ârân*, vendo o porrete ensangüentado, pensou que tivesse matado *Fyietô*, e disse a mulher:

– *Já o matei, olhe aqui o sangue dele* – e mostrava o porrete. *Ninguém terá fogo senão eu.*

Passados poucos minutos, *Fyietô* saiu da fenda, subiu em uma palmeira, tirou desta um ramo seco, acendeu-o no graveto e foi arrastando o ramo por um campo grande, que se incendiou. *Min-ârân*, vendo o fogo no campo, correu para apagá-lo; não o conseguindo, ficou triste por ter outras gentes que pudessem ter fogo, e morreu. O campo queimou por muitos dias; todas as gentes guardavam fogo e principiaram a assar a carne nele. Quando acontece de apagar o fogo em nossos ranchos, o produzimos friccionando uma vareta de madeira dura sobre uma pequena cova feita na extremidade inferior de um ramo seco de palmeira.

